

02

Marcos Bagno, *Uma história da linguística*, São Paulo, Parábola, 2023, 2 tomos, 606 páginas.

Pere Comellas Casanova
Universitat de Barcelona

Orcid 0000-0002-9359-8210. perecomellas@ub.edu. Universitat de Barcelona. España.

O prolífico e multifacetado linguista brasileiro Marcos Bagno empreendeu a tarefa de escrever a “primeira história da linguística escrita diretamente em português”, em palavras do seu editor. A obra, apesar da sua extensão, não é completa (nem poderia ser, de facto): ela abrange da antiga Grécia até 1921, com algumas incursões importantes tanto para momentos anteriores (Mesopotâmia, Índia) quanto para posteriores a essa data, que coincide com a morte de Hermann Paul, o centenário do nascimento de August Schleicher e a publicação de *Linguistique historique et linguistique générale* de Antoine Meillet, livro que Bagno considera a ponte entre a linguística do século XIX e a do século XX. O autor esclarece não haver “a mais remota possibilidade” de um terceiro tomo sobre a linguística dos últimos cem anos: outras pessoas, portanto, terão que encarar a tarefa de completar um trabalho pensado em português e desde o Brasil, mas com uma perspectiva larga e complexa.

Marcos Bagno tem-nos habituados à máxima honestidade intelectual. Seus trabalhos são invariavelmente polêmicos porque neles o autor exprime sempre com a máxima clareza os seus pontos de partida –científicos e ideológicos. Bagno não se esconde por trás de uma suposta neutralidade acadêmica nem teme expressar opiniões contracorrente e longe dos lugares comuns, o que fica claro desde a introdução para situar o leitor numa série de conceitos básicos.

Em primeiro lugar, enuncia os três grandes problemas da linguística: a origem e a natureza da linguagem e das línguas; a relação entre língua e pensamento, e o problema da mudança linguística. Esses problemas levantaram múltiplas perguntas de pesquisa que “reaparecem regularmente, sob nova roupagem filosófica, a cada período da história das reflexões sobre língua e linguagem” (p. 3): quando e onde surgiu a linguagem?; as línguas têm uma só origem comum?; as palavras derivam da natureza das coisas?; há universais nas línguas ou, pelo contrário, estas diferem radicalmente?; como e por que mudam as línguas?, etc. As respostas que foram sendo dadas dependem das diferentes teorias, inevitavelmente ligadas a distintas concepções do mundo, do ser humano, da sociedade e das relações entre essas entidades, de modo que a história da linguística será, então, “a história da formulação dessas concepções e dos embates entre elas” (p. 3).

Depois, a obra explora noções fundamentais, com frequência na forma de oposições: filologia versus linguística; universal versus particular; teoria versus doutrina; formalismo versus funcionalismo..., e acaba a introdução com uma tomada de posição frente ao mito da neutralidade científica, bem exemplificado pelo eurocentrismo, o racismo e o sexismo, onnipresentes na história da linguística como ciência. E com um esclarecimento fundamental: “o historiador não é alguém que “conta a verdade” sobre os fatos, mas é alguém que elabora um discurso sobre os acontecimentos, uma elaboração discursiva que se vincula às opções teóricas, às concepções filosóficas, às filiações ideológicas do narrador, ao tempo, ao lugar e à cultura em que vive” (p. 32). Todo historiador faz isso, só alguns é que confessam.

Depois da introdução, o primeiro tomo consta de cinco capítulos, e o sexto ocupa a totalidade do segundo tomo. Além do texto principal, a obra inclui os chamados pelo editor “laterários” –breves esclarecimentos ou ampliações de aspetos tratados no texto–, com frequência acompanhados de QR-codes que permitem ao leitor visitar a fonte de mapas, gráficos ou informações ampliadas, e ainda alguns boxes, que aprofundam mais nalgum assunto também já comentado. É, portanto, uma estrutura de manual, ótima para estudantes de linguística ou até para amadores sem muita formação prévia (o autor toma cuidado em usar uma linguagem acessível e esclarecer todos os tópicos de especialidade), mas também como obra de referência.

O primeiro capítulo dedica-se às tradições orientais: a mesopotâmica, a hindu, a árabe e a judaica. Apesar das grandes diferenças, todas têm em comum um intuito: preservar e transmitir uma língua que já mudou e que se quer “correta” ou “pura” porque sagrada. A tradição mais antiga e mais interessante é sem dúvida a hindu, apesar de só ter-se tornado conhecida em Ocidente a partir do final do século XVIII. O capítulo segundo trata

da linguística –fortemente vinculada à filosofia– da Grécia e da Roma antigas. Temos uma dívida enorme com a tradição grega, que já levantou a maioria das perguntas de pesquisa que o autor enunciou na introdução e que ainda vigoram. Já a tradição latina é apresentada sobretudo como uma tradução-adaptação da grega.

O terceiro capítulo trata da linguística durante a chamada Idade Média, na qual o esforço intelectual será em boa parte “dedicado à produção de gramáticas do latim em latim, de gramáticas do latim em línguas vernáculas, de obras que tentarão relacionar as “leis” do pensamento (consideradas universais) às “leis” da linguagem (isto é, às regras gramaticais do latim)” (p. 116). O capítulo seguinte percorre os séculos xv e xvi, o Renascimento e o início da chamada Era Moderna. O subtítulo do capítulo reflete perfeitamente dois movimentos essenciais do período: “a volta aos clássicos e a descoberta do Outro”. Se por um lado a descoberta e valorização de textos gregos e latinos antigos alimenta uma nova fascinação pelas línguas e pelo saber clássico, a abertura de novas rotas marítimas para a Ásia e a América alarga a perspectiva para horizontes –também linguísticos– novos. Ambas as coisas têm, pelo menos em parte, um desencadeante comum: a invasão turca que faz com que os mercados orientais fiquem inacessíveis para os europeus e muitos eruditos bizantinos –junto com inúmeros textos– emigrem para o oeste. É também a época da valorização dos vernáculos ligados ao poder político e o início dos processos de padronização. Se a Idade Média se interessava sobretudo pela busca dos universais, agora o olhar vira para o particular. O capítulo dedica um espaço considerável à linguística renascentista portuguesa.

O capítulo quinto fecha o primeiro tomo da obra e ocupa-se dos séculos xvii e xviii, com as tentativas de criação de línguas “perfeitas”, o interesse pela origem da linguagem e das línguas e, sobretudo, o debate entre racionalismo e empirismo, no qual Bagno se mostra particularmente crítico com as posições racionalistas. A gramática de Port-Royal, por exemplo, seria “no final de contas, uma tentativa de forçar o uso da língua para dentro de um modelo de funcionamento que é de fato uma *prescrição normativa*, supostamente justificada por responder à “lógica” do pensamento” (p. 244). O autor assinala com frequência o fato de os debates contemporâneos e as ideias que os sustentam terem antecedentes claros e não saírem do nada. Condillac, por exemplo, parece descrever processos de gramaticalização, linha de pesquisa que só será desenvolvida no século xx. Igualmente, o conhecimento crescente da diversidade linguística do mundo coloca os alicerces do comparatismo do século seguinte.

O segundo tomo da obra tem apenas um capítulo: “Século 19 e início do século 20: a linguística que se diz ciência”. Na introdução o autor sublinha uma ideia que perpassa o século: “fazer da língua um objeto autônomo, que pode (e deve) ser investigado no que lhe é próprio e exclusivo, sem para isso ter de recorrer à lógica, à metafísica, à estética, à retórica” (p. 303). A seguir, o capítulo divide-se em dez partes de extensão muito desigual. A primeira comenta a pretensão de incluir os estudos linguísticos na área das ciências (naturais), o que é, segundo Bagno, mais uma institucionalização do que um câmbio de paradigma. Na segunda, o texto revisa as ideias em circulação no período –romantismo, nacionalismo, idealismo, positivismo, historicismo, organicismo, evolucionismo– que constituem o contexto da linguística do período.

A terceira focaliza numa dessas ideias, que marcou profundamente os séculos xix (e o xx): o racismo científico, que também atingiu os estudos da linguagem. O subcapítulo seguinte trata dos inícios da linguística histórico-comparativa e o indo-europeu, que tanto ia contribuir para o desenvolvimento da disciplina, ao tempo que nunca se libertaria completamente do viés nacionalista e eurocêntrico. O comparatismo, porém, não acaba com uma abordagem mais geral da área, muito bem representada por figuras como Wilhelm von Humboldt, William D. Whitney ou Michel Bréal (sendo os dois últimos representantes do conceito de língua como instituição social).

Ao falar sobre Humboldt, figura reivindicada indistintamente por relativistas e universalistas, Bagno introduz uma ideia que acho que vale a pena sublinhar: “o grande problema das teses relativistas ou universalistas (que acabam se encontrando e revelando que são, na prática, duas faces da mesma moeda ideológica) é o fato de terem sido elaboradas por homens brancos, de culturas ocidental e judeu-cristã para descrever e analisar línguas das quais eles não eram falantes nativos e culturas às quais não pertenciam” (p. 395). Um exemplo interessante do próprio Humboldt: ao analisar a preposição *itic* (do náuatle), “em”, recorre à etimologia (*ite*, “barriga” e *c*, “dentro”) para justificar que, à diferença do que acontece nas línguas europeias, é uma forma gramatical “não verdadeira”, como se um falante de inglês, quando usa a expressão “come back” estivesse a pensar nas costas, isto é, atribui-se a um falante de uma língua supostamente “menos desenvolvida” uma consciência sobre os elementos gramaticalizados que ele próprio não tem na sua língua. Essa crítica ao etnocentrismo, infelizmente, não é pertinente só para os linguistas de séculos passados: Anna Wierzbicka assinala a mesma tendência no trabalho de Daniel Everett sobre o pirahã: “To say that *ti ’ogi* means, literally, “my bigness” (rather than “we”) is like saying that in English *to understand* means, literally, “to stand under”” (Everett, 2005: 641). De modo parecido, um prestigioso cientista dizia uma vez que os povos amazônicos não percebiam as cores como abstrações, porque usavam nomes referidos a coisas dessa cor, e não à cor mesma (mas na língua dele usa-se “laranja”, “rosa” ou “castanho”).

O subcapítulo 6 dedica-se aos Jovens Gramáticos, que propõem de um lado a rejeição das ideias organicistas e de outro uma volta à procura de universais, em oposição ao particularismo dos primeiros representantes da linguística histórico-comparatista. Seu representante mais conspícuo, Hermann Paul, avançou-se, segundo Bagno, a linhas de pesquisa que só muito mais tarde seriam desenvolvidas. Foi um precursor da corrente da cognição social de final do século xx, representada por estudiosos como Michael Tomasello, assim como da gramática baseada no uso, da análise da conversação e de certos aspetos da sociologia da linguagem e a sociolinguística variacionista. E também uma grande influência para Saussure: “De resto, a comparação entre os *Princípios* de Paul e o *Curso* deixa este último em evidente desvantagem” (p. 430).

A secção sétima ocupa-se da reação aos Jovens Gramáticos, representada pelo friulano Graziadio Ascoli, pelo suíço Jules Gilliéron (iniciador da dialetologia de campo) e pelo alemão Hugo Schuchardt (pioneiro dos estudos crioulos). O oitavo centra-se no desenvolvimento dos estudos fonéticos, que culminam nos aportes do Círculo Linguístico de Praga, já fora do período estudado por Bagno. As duas últimas partes do capítulo, as mais extensas, dedicam-se a Saussure (fundamentalmente, ao *Cours de Linguistique Générale*) e a Antoine Meillet respetivamente.

Bagno faz uma crítica rigorosa do *Cours*. Em primeiro lugar, argumenta contra o lugar comum segundo o qual Saussure é o “pai da linguística moderna”: mais uma vez, existem antecedentes claros das ideias centrais atribuídas a Saussure. Depois de expor a trajetória (brilhante) do linguista, analisa os conceitos nucleares do *Cours*, apresentados como dicotomias: sincronia-diacronia, langue-parole, relações sintagmáticas-associativas, e põe em causa o pressuposto fulcral do estruturalismo: o conceito de valor, definido com a fórmula “um signo não é o que é por alguma propriedade intrínseca, mas por ser o que os outros signos não são” (p. 504). O *Cours* seria, pois, a fonte da linguística formalista –que atravessa o século xx primeiro com as escolas estruturalistas e depois as generativistas–, com filiação em “uma tradição filosófica racionalista e, em última análise, dualista e platônica, filiação que se expressa com nitidez na afirmação de que “a língua é uma forma e não uma substância”” (p. 501). Uma das censuras mais insistentes do autor para com a escola estruturalista é a “ausência de uma verdadeira abordagem social da língua (e da fala)”, que constituiu uma das suas “principais fragilidades epistemológicas” (p. 512).

Em contraposição, a secção final do capítulo sintetiza os aportes de Meillet: a abordagem social, a harmonização de sincronia e diacronia (sendo uma ponte entre a linguística histórico-comparativa e a linguística

geral), os estudos sobre gramaticalização e, em resumo, o mérito de “intuir com perspicácia toda uma série de conceitos e noções que viriam, quase um século depois, a se tornar um quadro teórico coerente dentro dos estudos linguísticos” (p. 559).

O livro termina com um epílogo em que, muito brevemente, são enunciadas as principais correntes da linguística do século xx e seus principais protagonistas, como dicas a seguir e também com a esperança –apesar de que “a situação no mundo nestas primeiras décadas do século 21 é a de uma desigualdade sem precedentes na história” (p. 571) e de que “o planeta se encontra à beira do colapso ambiental” (p. 572)– de que “muitas e muitas gerações futuras continuem lutando pela preservação do planeta e da espécie, e que, se exitosas, possam experimentar o fascínio que a linguagem exerce sobre a imaginação humana e se interessem por estudá-la para que, assim, encontrem os nomes que ainda faltam (e sempre faltarão) para tantas coisas importantes” (p. 572).

Sem dúvida uma história da linguística declaradamente pessoal, honesta e crítica (características da obra toda de Marcos Bagno) que nos interpela e remove algumas das ideias mais enraizadas sobre a disciplina. Sugestiva e estimulante para qualquer pessoa interessada nos estudos sobre a linguagem, e especialmente para estudantes de linguística.

Referências bibliográficas

Everett, Daniel (1996). "Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã: Another Look at the Design Features of Human Language", *Current Anthropology*, 46(4), 621-646.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade da Coruña (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Mária Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda